

'FRENTES DE ATRAÇÃO'

A busca de contato com dez mil índios ainda em estado primitivo



BRASILIA (O GLOBO) — No Brasil, existem cerca de dez mil índios, arredios e ainda em estado primitivo. Para entrar em contato com eles, a Fundação Nacional do Índio (Funai) tem oito "frentes de atração" nos Estados do Amazonas, Maranhão, Goiás, Pará, Rondônia e no Território de Roraima. A Funai está fazendo, ainda, um levantamento de outros seis grupos indígenas, no Amazonas e Maranhão, para abrir novos pontos de contato.

Segundo a Funai, esses trabalhos permitem conhecer a extensão de terras necessárias a cada grupo indígena, visando a futura demarcação, e garantem uma assistência permanente aos índios, referente aos seus direitos.

A maioria das frentes de atração, no entanto, é marcada por ataques dos índios, às vezes fatais, contra funcionários da Funai. Os sertanistas observam: "Esta é uma reação natural dos indígenas, ante a presença do branco em suas terras, já que os silvícolas sempre foram agredidos e quase dizimados por brancos, durante toda a História do Brasil".

No Estado do Amazonas, a Funai tem a frente de atração waimiri-atroari, montada entre os quilômetros 200 e 329 da BR-174, que liga Manaus a Boa Vista, chefiada pelo sertanista Giuseppe Craveiro. Esses índios sempre reagiram ao contato com os civilizados, desde as primeiras tentativas, iniciadas no século passado. A Funai acredita que existam, atualmente, cerca de 1200 waimiri-atroari, numa área interdita de 2,3 milhões de hectares.

Em dezembro de 1942, os waimiri-atroari reagiram a uma tentativa de aproximação, matando os irmãos Briglia. Em 31 de dezembro de 1946, morreram nove servidores do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Depois de uma trégua de 13 anos, em 30 de novembro de 1968, houve um incidente com a expedição do padre João Calleiri, e nove homens morreram. Cinco anos depois, em 17 de janeiro de 1973, morreram dois funcionários da Funai.

Em 1974, houve também dois incidentes, um em 30 de se-

No alto, à esquerda, o sertanista Apoena Meireles faz, em 1973, um dos primeiros contatos com os avá-canoeiros. No alto, à direita, um dos avá-canoeiros, trabalhando. Embaixo, foto tirada de um avião que sobrevoou uma área ocupada pelos waimiris-atroaris.



tembro, quando morreram seis pessoas, e outro em 29 de dezembro, quando morreram sete integrantes da expedição chefiada pelo sertanista Gilberto Pinto de Oliveira Costa, a quem os índios chamavam de "papai Gilberto".

Ainda no Amazonas, existem aproximadamente 500 índios marubo, que evitam qualquer tipo de contato com a Funai. A frente de atração, nessa área, entre os rios Taguaí e Branco, foi desativada em 1977, após um incidente em que morreu um funcionário da fundação. Nesse Estado, a Funai sabe que existem cerca de 200 índios marubo, na região do Solimões; cerca de cem índios Koxoadá; inteiramente sem contato, na região do Rio Purus, e cerca de 80 índios matsis arredios, na região do rio Ituí.

No Estado do Maranhão, a Funai tem a frente de atração dos índios Guajás, estimada em 60 pessoas,

no município de Bom Jardim, chefiada pelo sertanista Raimundo Mourão. Esses índios ainda estão em estado primitivo, mas já recebem assistência da fundação. Mantêm um relacionamento amistoso com os funcionários da frente. A Funai diz que existem outros 150 índios guajás não contactados, perto dessa região, além de outro grupo de 200 índios, presumivelmente guajá, também arredios, na região de Porto Franco.

Em Goiás, a Funai está contactando os índios avá-canoeiros, no município de Cavalcante, numa frente chefiada pelo sertanista Gilvan Brandão. Existem cerca de 50 índios com contatos esporádicos, desde 1975. Segundo a Funai, somente o grupo que está próximo à Ilha do Bananal aceita o contato. "Esses índios são arredios e sempre resistiram à atração. Têm a pele muito escura, moram em cavernas e usam flechas com ponta de ferro. Acredita-se que sejam uma mistura de índios karijós com escravos", informou a Funai.

Em Roraima e Amazonas, a Funai tem a frente de atração dos yanomamis, com aproximadamente oito mil índios. São cinco postos de atração, chefiados pelo sertanista Francisco Bezerra de Lima. Diz a Funai que, desde 1917, os yanomamis mantinham contatos esporádicos com mineradores e caçadores. Em 1940, a Missão Evangélica da Amazônia (Meva) entrou na área e, em 1976, a Funai instalou a frente de atração em Surucuru. A maioria dos yanomamis é arredia, embora exista um pequeno grupo mantendo contatos esporádicos com a frente e a Meva. Os yanomamis nunca atacaram brancos, mas brigam muito entre si.

No Município de Ariquemes, em Rondônia, a Funai tem a frente de atração dos índios uru-eu-wau-wau, estimada em 300 pessoas, chefiada por Hugo Pedro da Silva e Aynorá Cunha da Silva. Os indígenas já atacaram muitas vezes a frente e, da última vez, em março passado, saiu ferido um sertanista. Em 1980, os uru-eu-wau-wau sequestraram uma criança de uma fazenda limítrofe à área indígena e, até o momento, não se descobriu onde está.

No Município de Aripuana (RO), há a frente de atração dos zoros, instalada em 1977, sob a chefia de Natalício da Silva Maia. Aproximadamente 150 índios, os zoros pertencem ao grupo cinta-larga e nunca atacaram.

A funai mantém ainda, em Rondônia, a frente de atração dos índios karijuna, com 50 pessoas, chefiada por Francisco de Assis Silva. Esses índios são pacíficos e mantêm contatos esporádicos com os sertanistas.

No Estado do Pará, perto de Altamira, no quilômetro 120 da Transamazônica, há a frente de atração dos índios araras, com 200 pessoas, aproximadamente. Em fevereiro passado, o sertanista Sidney Possuelo, chefe dos trabalhos, considerou efetivado o contato, após visitar a aldeia, a convite dos indígenas. Em seguida, os araras se reuniram e compareceram à sede do posto de atração, pedindo para serem levados a Altamira. Com a dificuldade do diálogo porque os índios não falam português e ninguém fala a língua deles — não foi possível explicar os problemas que a visita à cidade traria à comunidade indígena não vacinada, e os sertanistas não conseguiram impedir a viagem. Na cidade, os índios contraíram gripe e, ao voltarem para a mata, sete deles morreram. A Funai aplicou vacinação em massa, evitando novos óbitos.

Os araras atacaram muitas vezes a frente de atração. Na última, em janeiro do ano passado, saíram feridos dois funcionários.